
Do Gatekeeping ao Gatewatching no Webjornalismo participativo: relacionamento colaborativo entre imprensa e audiência na produção jornalística no cenário online¹

Barbara Kauany de Castro CUNHA²
Karyne Lane Alves GOMES³
Paulo Eduardo Silva Lins CAJAZEIRA⁴
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

O presente artigo busca discutir a participação e colaboração ativas de cidadãos/ãs no processo noticioso, o chamado *gatewatching*, um conceito de Axel Bruns para se referir ao envolvimento do público na produção e veiculação das informações, o que tem modificado as rotinas jornalísticas no cenário online e trazido contribuições ao webjornalismo brasileiro. A possibilidade de colaboração rápida e eficiente através de espaços de interação resulta em uma nova fase no relacionamento entre jornalistas e suas audiências. O advento das novas tecnologias digitais se alia ao estabelecimento da web 2.0 e aumenta significativamente a utilização da rede enquanto plataforma, o que tem motivado uma maior interferência popular no processo noticioso e estreitado cada vez mais a fronteira entre produtores e leitores da notícia.

PALAVRAS-CHAVE: *Gatekeeping*; *Gatewatching*; webjornalismo participativo.

INTRODUÇÃO

O surgimento e ascensão da internet, passando pelas primeiras experiências aqui no Brasil, em meados da década de 1990, representaram para a comunicação um momento sem precedentes em sua história. A popularização de novas ferramentas e mídias digitais aliadas à comunicação em rede permitiu a transmissão e distribuição de informações em uma escala de velocidade maior do que qualquer outra inovação anterior e fez com que modelos estabelecidos há décadas precisassem ser repensados.

¹Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

²Estudante de Graduação 7º. semestre do curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFC, email: barbara.castro@aluno.ufca.edu.br

³Estudante de Graduação 5º. semestre do curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFC, email: karynelane@gmail.com

⁴Orientador do trabalho. Professor Doutor do curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFCA, email: paulo.cajazeira@ufca.edu.br

Uma das principais mudanças decorrentes deste processo foi o fato das pessoas terem a oportunidade de produzir seus próprios conteúdos e disseminá-los, rechaçando o tempo em que esta tarefa era restrita a um pequeno nicho de pessoas, que recebiam a informação e preocupavam-se em transmiti-la. A dinâmica do jornalismo foi diretamente atingida e o fluxo de notícias tornou-se mais plural e horizontal, feito por uma variedade maior de pessoas, de classes sociais distintas e de nichos específicos.

O início do século XXI intensifica o momento de transformações na imprensa: após o estabelecimento da World Wide Web, através da plataforma Web 2.0, a participação de cidadãos/ãs comuns nas discussões propostas pelos meios de comunicação torna-se uma realidade. Até então, o meio utilizado para estabelecer essa conexão era a carta ao jornal, o que não garantia um contato imediato mas pode ser considerado um ponto de partida para analisar a vontade do leitor de interagir e participar mais ativamente da construção do jornal, por exemplo. Esse cenário proporciona impactos diretos na maneira de se fazer e pensar o jornalismo, os quais serão abordados durante esta pesquisa.

A partir da nova perspectiva, que se fortaleceu através de ferramentas como blogs, podcasts e vídeos ao vivo, surge o que convencionou-se chamar de jornalismo colaborativo, também conhecido como jornalismo cidadão, impulsionado pela compreensão das pessoas de sua influência política e social nos meios e alicerçado na ideia “de todos/as e para todos/as”. Cidadãos/ãs comuns deixam de ser apenas receptores/as e passam a ser também replicadores/as de informações, fontes de pesquisa, analistas e produtores/as de reportagem. A capacidade de produção era contida e disciplinada pela dificuldade e pelo custo de publicação, transmissão e arquivamento; diante da era digital, o que acontece hoje é exatamente o contrário: esses custos caem mais depressa do que podemos acompanhar. Estabelecer contato direto com fontes de praticamente qualquer lugar e ter acesso imediato a informações sobre quase tudo o que existe no mundo representa uma drástica mudança de paradigma; por outro lado, o maior acesso a dados diversos tornou visível a parte “submersa do iceberg” — há informação demais e tempo de menos.

1. JORNALISMO COLABORATIVO

Em meados dos anos 90, no século XX, os avanços das tecnologias digitais de informação e de comunicação possibilitaram a utilização de uma parte específica da internet, a web, que oportunizaram o surgimento da prática jornalística em rede - o webjornalismo. Porém, antes do surgimento da web, a internet já era utilizada para a propagação de informações jornalísticas direcionadas para públicos específicos através do envio de e-mails, além de boletins disponibilizados através do *Gopher*, um sistema que comporta apenas textos escritos de maneira hierárquica.

O jornalismo desenvolvido para a web, apesar dos avanços tecnológicos, ainda se encontra em processo de constituição apresentando contribuições significativas para a prática jornalística. Ao longo de duas décadas de história do jornalismo na web são várias as tentativas de desenvolver produtos midiáticos que sejam adequados ao suporte e que supram as necessidades dos/as seus/uas internautas. Durante esse processo, ocorreram várias etapas da evolução do jornalismo na web pelas quais passaram tais produtos. Na tentativa de compreender tais transformações, John Pavlik (2001) distingue três fases do jornalismo na web, dando ênfase à produção de conteúdos noticiosos.

Na primeira fase, podemos citar sites que produzem e publicam materiais editoriais, servindo de modelo para outras edições em diferentes meios, as quais o autor classifica de “modelo-mãe”. Ou seja, a construção da narrativa textual era o espelho do que era produzido no jornal impresso tendo em vista que os recursos tecnológicos eram limitados.

Na segunda fase, os jornalistas elaboravam conteúdos que também eram baseados no que era publicado no jornal impresso; alguns recursos começaram a ser pensados com o objetivo de criar um novo formato de linguagem para essa nova plataforma midiática: é o caso do uso de ferramentas como hiperlinks, competências interativas, ferramentas de pesquisa e desenvolvimento de índices eletrônicos acessíveis, onde o/a leitor/a tem a possibilidade de fazer a seleção de conteúdos de seu interesse.

De acordo com o autor, a terceira fase ainda está começando a emergir onde a multimídia começa a ser aplicada nos sites noticiosos se utilizando de recursos sonoros, animações, infográficos, fotografias e textos; utilização do hipertexto; recursos de interatividade, como enquetes, fóruns de discussão, chats; além de disponibilizar opções para selecionar os produtos de acordo com os interesses pessoais de cada leitor/usuário.

Esta terceira geração corresponde ao aumento do número de usuários além de uma evolução técnica que realiza a transmissão mais rápida dos recursos multimídia que caracterizam a convergência dos formatos das mídias tradicionais na narração do fato jornalístico em um mesmo suporte. Entretanto, é só a partir da quarta geração que começam as investigações aprofundadas do jornalismo digital em base de dados (BDs) como elementos estruturantes da atividade jornalística que acessam as preferências dos internautas para lançar tendências e interesses do indivíduo tendo como premissa compor banco de dados e perfis computacionais, visando obter informações dos indivíduos que têm acesso a essa rede.

Assim, o paradigma Jornalismo em Base de Dados é fundamental para analisarmos a existência de uma quinta geração para o jornalismo nas redes digitais que possui propriedades como multimídia/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização, memória e instantaneidade ou atualização contínua do material informativo (PALÁCIOS, 2003). A interatividade, a hipertextualidade, a multimídia e a personalização do conteúdo são elementos também citados por Mark Deuze (2005) que caracterizam o potencial do webjornalismo.

Nesse contexto, a web 2.0 dá subsídios para emergir o webjornalismo participativo, que se refere à produção e a publicação de notícias nas redes digitais por parte de qualquer usuário. Alguns autores chamam essa prática jornalística aberta a todos de jornalismo colaborativo, cidadão, comunitário, *open source* (código aberto). Conforme

Moura (2002), o termo *open source* surge aplicado ao software que são criados e disponibilizados gratuitamente na rede por usuários para que qualquer outro internauta tenha acesso e possa manuseá-lo.

A principal característica dessa lógica de produção noticiosa é a superação do modelo comunicacional emissor-meio-mensagem-receptor, tendo em vista que a convergência tecnológica propiciou a participação ativa dos cidadãos no processo, desempenhando um papel inerente na produção dos acontecimentos que interessam aos jornalistas, marcando a mudança de um modelo vertical e hierárquico da comunicação entre emissor-veículo-receptor para uma relação horizontal, uma via de mão dupla.

Essa revolução tecnológica representa um marco para o jornalismo participativo e sinaliza novas maneiras de propor uma relação entre a mídia e a audiência. A relação do jornalista com o público se modificou, pois o público, por intermédio da web, conquistou um espaço de participação ativa propondo pautas, replicando informações em tempo real, além de interagir com os jornalistas e colocando-se simultaneamente no ambiente digital na condição de próprio emissor. Nesse sentido, podemos afirmar que a ideia do webjornalismo participativo é descentralizar a emissão através da interação de usuários oportunizando uma multiplicidade de vozes.

Jef Jarvis destaca que com o crescimento significativo do jornalismo participativo “nós estamos testemunhando uma mudança histórica no controle das organizações de notícias tradicionais para as próprias audiências” (JARVIS apud NEWMAN, 2009). Diante desse cenário que se instaurou, podemos observar as mudanças inovadoras no fazer jornalístico onde as novas relações entre imprensa e audiência são dirigidas pela figura do cidadão co produtor de notícias. As produções noticiosas elaboradas pelo jornalista-cidadão são denominadas por alguns autores como “tecnologias da liberdade”, ou seja, aquelas cujo conteúdo não se pode dominar, que proporcionam agregações sociais e que multiplicam o pólo de emissão não centralizado (POOL apud LEMOS, 2004, p.70).

2. O FAZER JORNALÍSTICO

Nas últimas três décadas, houve uma mudança significativa no fazer jornalístico no mundo inteiro. Entretanto, foi em meados do século XIX e início do século XXI que realmente essas transformações afetaram o *modus operandi* do jornalismo. Apesar do impacto ocasionado pelo advento das tecnologias, algumas atividades do jornalista permaneceram ativas principalmente no que concerne a elaboração de abordagens adicionais, para a utilização da mídia social que fornece oportunidades substanciais para a prática da profissão.

Os espaços da mídia social podem ser manuseados através do uso de fontes múltiplas de informações com o objetivo de avaliar as reações instantâneas às matérias emergentes. Fazer isto requer uma aproximação dos jornalistas com as plataformas disponíveis da mídia social. A ação conjunta das práticas colaborativas da *curation* das notícias entre jornalistas e o público/leitor contribui para que haja uma alteração na rotina de produção noticiosa, além de exigir do jornalista um novo perfil e novas habilidades. O jornalismo se tornou uma atividade com participação da massa.

De acordo com Pamela Shoemaker (2011), o modelo de *gatekeeping* é bastante pertinente nas discussões das teorias de jornalismo. A autora parte do pressuposto de que o fazer jornalístico implica lidar diariamente com interesses que são econômicos, empresariais, políticos, pessoais e institucionais que fazem parte do trabalho de apuração jornalística. A autora norte-americana centra seus estudos primordialmente no processo de produção que inclui o jornalista ou a empresa onde ele trabalha e a função do público, da audiência que alcança cada vez mais um espaço importante nas suas análises. Segundo a autora (idem: p.180):

As listas dos artigos mais enviados, mais postados em blogs e mais lidos são usadas em muitos veículos ao redor do mundo para obter informações sobre a popularidade dos itens junto a seus leitores. O canal da audiência países., portanto, revelam às pessoas, em muitos países, quais itens são do interesse do público nos seus e nos outros.

O termo *gatekeeping* foi desenvolvido em 1947 por Kurt Lewin em alusão às tomadas de decisão relativas ao consumo de bens alimentares. No entanto, essa prática processual de análise foi transferida para a investigação da produção noticiosa normatizada ao longo de várias etapas, desde a recepção dos *takes* das agências, até a definição do editorial. O *gatekeeping* é uma das teorias mais antigas surgidas nas ciências sociais e refere-se a uma espécie de filtro que controla e seleciona a informação noticiosa, bem como adquire diferentes tipos de autonomia tais como: tomadas de decisões relativas ao consumo, filtragens de temas e a mediação jornalística de informações especializadas. A discussão sobre a crise do *gatekeeping* tornou-se uma reflexão sobre o papel de mediação do jornalista.

Também para a Shoemaker, a compreensão da notícia a partir da análise de sua produção se enquadra com base em alguns aspectos tais como: o individual (valores pessoais); as rotinas de produção do jornalista (práticas profissionais); a organização (posicionamento mercadológico); as instituições sociais (sindicatos, governos e organizações) e o sistema social (política, economia, cultura e ideologia). Contudo, percebe-se que a autora Shoemaker propõe uma abordagem teórico-conceitual inserindo a produção noticiosa em um sistema social que mantém relações complementares entre os produtores da produção noticiosa e os seus consumidores.

Nesse sentido, Axel Bruns (2014) sugere que haja uma interrupção dos tradicionais modelos jornalísticos de *gatekeeping*, e a mudança correspondente na direção de *gatematching*. Tal como a proposição do especialista em mídias sociais e indústrias criativas, Bruns (2014), Pamela Shoemaker também dialoga com a análise em questão. Pode-se fazer essa analogia tendo em vista que a autora começa a destacar as concepções que ocorrem no final do século XX e início do século XXI, como o conceito de *gatematching*, de Axel Bruns. Segundo o autor:

Gatekeeping na sua forma clássica foi um resultado do sistema de produção, distribuição e consumo das notícias que existia durante o apogeu da época da mídia de massa. As práticas de gatekeeping eram simplesmente uma necessidade prática: os jornais impressos e os noticiários na rádio e na televisão nunca poderiam oferecer mais que uma

seleção redigida com muito aperto das notícias do dia; as avaliações de quais eram as matérias mais importantes para o conhecimento das audiências (...) tinham que ser feitas. (IDEM, p. 121)

Elias Machado (2000) considera que a descentralização difusa da produção de conhecimento entre os membros de uma sociedade faz com que haja alteração nas habilidades e funções do profissional de jornalismo, no sentido de este desenvolver atividades de moderação e hierarquização dos acontecimentos propagados em vários espaços da rede.

Podemos observar que o conceito de *gatewatcher* é recente. O livro de Alex Bruns *Gatewatching. Collaborative online news production* (2005) faz um estudo de caso dos sites *Slashdot*, *Indymedia*, *MediaChannel*, *Plastic* e *Kuro5hin* investigando a contribuição dos usuários nas diversas etapas de produção da notícia, desde o processo de recolha, publicação até a participação nos comentários.

O novo conceito de *gatewatching* traduz-se numa modificação das estruturas de poder do jornalismo, pois, enfatizam a estreita seleção das notícias que devem ser publicadas servindo de aviso para os leitores em relação ao fornecimento de informação sobre o conteúdo disponível. Para o autor em referência, o valor do *gatewatching* está em crivar a informação e republicá-la em um momento específico, de acordo com os interesses dos leitores.

3. WEBJORNALISMO PARTICIPATIVO NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS ONLINE

Essas constantes mudanças no mundo *online* foram percebidas e analisadas como impulsionadoras de novas tendências, traduzidas no conceito de Cultura de Convergência de Henry Jenkins (2008). No caso específico do Jornalismo, podem-se observar mudança na sua prática e essência a partir de 1995, com o surgimento do webjornalismo.

Na fase a que chamamos webjornalismo/ciberjornalismo, as notícias passam a ser produzidas com recurso a uma linguagem constituída por palavras, sons, vídeos, infografias e hiperligações, tudo combinado de

forma a que o utilizador possa escolher o seu próprio percurso de leitura.
(CANAVILHAS, 2012, p. 114)

Segundo a pesquisadora de Webjornalismo Luciana Mielniczuk (2001), esta modalidade jornalística perpassa diferentes nomenclaturas. Ciberjornalismo, jornalismo eletrônico, jornalismo online, jornalismo digital, jornalismo hipertextual. Neste presente artigo vamos nos deter ao uso do termo “webjornalismo”, por questões de os produtos em análise serem escritos unicamente para a web, sem intermédio de outros recursos específicos.

No advento das mídias sociais, o Jornalismo vem tentando ganhar espaços nestes grandes suportes, que são lugares de interação, informação, estreitamento de laços e construção de novas identidades. As redes sociais também se tornaram grande via de circulação de informações, uma vez que com apenas um dispositivo móvel é possível registrar um grande evento, como uma manifestação e um repasse de informação por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp direto para as redações de jornais.

Neste sentido, o Jornalismo ganha um novo fôlego e os modos de fazer notícias são mudados quando percebemos que as mídias sociais, entretanto, e o *Facebook* em particular, estão surgindo como uma fonte poderosa de referência para notícias. Em cinco dos principais sites informativos, o *Facebook* é o segundo ou o terceiro direcionador de tráfego mais importante. [...] Na mesma perspectiva, as opções de compartilhar que aparecem ao lado da maior parte das notícias que figuram entre os links mais clicados quando alguém sai de um site (OLMSTEAD; MITCHEL; ROSENSTIEL, 2010, p. 2, tradução livre).

Assim, a denominação “webjornalismo participativo” remete à ideia de produção, publicação e compartilhamento de material noticioso na rede mundial de computadores a partir da colaboração de qualquer internauta visto que o webjornalismo rompeu com a periodicidade, uma das características do jornalismo, inserindo a máxima do “tempo real” no cenário online. Um exemplo de webjornalismo participativo no Brasil é o site

Overmundo (www.overmundo.com.br) que apresenta um espaço segmentado com temas relacionados à cultura brasileira onde seus usuários podem interagir divulgando informações e comentando sobre festividades e eventos, além de redigir textos, artigos científicos, músicas, filmes, fotografias etc.

Lemos diz que “a noção de interatividade está diretamente ligada aos novos media digitais. O que compreendemos hoje por interatividade nada mais é que uma nova forma de interação técnica, de cunho eletrônico-digital, diferente da interação analógica que caracterizou os media tradicionais” (LEMOS, 2004, p. 112). No site citado anteriormente são os próprios usuários que selecionam e escolhem o que será publicado ou até mesmo a matéria que ganhará destaque, através de um sistema de votação.

São vários os debates atuais a respeito do termo “jornalismo cidadão”, da mesma forma que não são novidade acordos e desacordos sobre a sua origem (ALLAN, 2009). Esse termo surgiu num discurso público da esfera social e entrou no léxico jornalístico, portanto não é simples determinar essa conceituação semântica.

Amorim (2009) verifica esse desarranjo teórico-conceitual sobre a nomenclatura, concluindo que na web e em outras plataformas midiáticas, o jornalismo participativo costuma mostrar-se como sinônimo de jornalismo cidadão (*citizen journalism*) ou jornalismo *open source* (código aberto). Porém, existem autores tais como Targino (2009), que não desassocia o jornalismo cidadão (*citizen journalism*), colaborativo ou de código aberto (*open source*) do jornalismo participativo. “Todas essas novas expressões demarcam as distinções entre a web tradicional e esta, que se expande como rede social, privilegiando a participação, a colaboração do cidadão e dos grupos sociais à frente da produção de notícias” (TARGINO, 2009, p. 59).

Todavia Amorim (2009) considera inadequado o termo jornalismo cidadão, por não se tratar do cidadão exercendo a profissão de jornalismo. Além disso, o referenciado autor desconsidera a convergência entre jornalismo participativo e jornalismo *open*

source. Sabe-se que a definição do primeiro conceito é considerada como a prática de cidadãos comuns, leigos com relação ao fazer jornalístico que através do envio de imagens de interesse jornalístico, participam da construção de materiais noticiosos (AMORIM, 2009).

Quadros (2005) mostra que é só a partir do desenvolvimento dos webjornais que se pode definir a relação interativa entre os mediadores da informação e os usuários, onde as operações do público são mais pertinentes na terceira geração (Mielniczuck, 2003) do que na primeira geração. Entretanto, apesar de estar se retratando de jornalismo participativo, conforme a classificação realizada por Quadros (2005), o grau de interação e de autonomia dos colaboradores depende, na maioria das vezes, do controle utilizado por cada site ou canal, elaborado por jornalistas/editores, pelos usuários ou então é inexistente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para viabilizar a análise, foi necessário, preliminarmente, entender as relações que permeiam entre os usuários/leitores e os jornalistas no ambiente online de sites ou canais de webjornalismo participativo e de como a mídia tradicional sofreu o impacto que acabaram por alterar a sua lógica de produção de material noticioso. Entretanto, a questão não é mais se o público vai postar suas publicações e muito menos se essas informações irão influenciar a esfera midiática, mas como as ferramentas serão utilizadas por esses sujeitos que deixaram de ser meros consumidores de notícias para participar ativamente do processo de construção destas.

Vale ressaltar também, que no campo jornalístico, especificamente no caso da imprensa, a co-participação do cidadão produtor de notícias facilita o trabalho de apuração das informações do jornalista, mantendo com este profissional uma relação colaborativa. É através das redes sociais que se estabelece essa aproximação interativa entre os *media* e os leitores potencializando a transformação das audiências em comunidades. Nota-se que a intensificação do relacionamento, por via da interação com o *gatewatcher* e com os

internautas aumenta a contribuição e fidelização dos leitores que atribuem valor à informação que lhe é apresentada.

REFERÊNCIAS

ALLAN, Stuart. Histories of Citizen Journalism. In: _____; THORSEN, Elinar. Citizen Journalism: global perspectives. New York: Simon Cotle General Editor, 2009.

AMORIM, Lidiane Ramirez. **(Tele)jornalismo participativo: novos olhares sobre as notícias de TV.** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2048-1.pdf>>. Acessado em 11/03/2018.

BRUNS, A. (2011). **Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo.** Brazilian Journalism Research, 7(2), 119-140.

CANAVILHAS, J. M. M. **Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança.** Comunicação e Sociedade. 9.10: 113-119. 2012.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2008.

LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MACHADO, Elias. **Os novos conceitos de edição no jornalismo digital.** In Comunicação e Sociedade, Vol 14. (1-2), 2000, 357-373, Braga: Universidade do Minho.

MOURA, Catarina. **O jornalismo na era Slashdot.** 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moura-catarina-jornalismo-slashdot.pdf>>. Acesso em 24 de novembro de 2017.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual.** Tese. Doutorado em Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea - Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, 2003.

NEWMAN, NIC. The rise of social media and its impact on mainstream journalism: a study of how newspapers and broadcasters in the UK and US are responding to a wave of participatory social media, and a historic shift in control towards individual consumers.

Disponível em:

<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2017-11/The%20rise%20of%20social%20media%20and%20its%20impact%20on%20mainstream%20journalism.pdf> Acesso em 20 de fevereiro de 2018.

OLMSTEAD, Kenny., MITCHELL, Amy., ROSENSTIEL, Tom. Navigating News Online: Where people Go, How They Get There and What Lures Them Away. Project for Excellence in Journalism, 2011.

PALACIOS, Marcos. **Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória.** In: *Modelos de jornalismo digital*. MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (orgs). Salvador: edições GJOL, Calandra, 2003

PAVLIK, John V. *Journalism and New Media*. New York: Columbia University Press, 2001.

QUADROS, Claudia Irene de. **A participação do público no webjornalismo.** Anais SBPJor 2005. Florianópolis. nov / 2005. p. 13-14.

RIBEIRO, Alexsandro Teixeira. **Do digital para o impresso: automação e gatekeeper no contrafluxo da tecnologia.** Revista UNINTER de comunicação, v.4, n.7, p. 48-59, 2016.

SHOEMAKER, Pamela; VOS, Tim. **Teoria do Gatekeeping:** seleção e construção da notícia. Porto Alegre: Penso, 2011.

TARGINO, Graça. **Jornalismo Cidadão: informa ou deforma?** Brasília: IBICT/UNESCO, 2009.